

Comportamento de genótipos de bananeira em relação a Mancha de *Cloridium* nos frutos

Maria do Rosário Andrade de Almeida¹; Zilton José Maciel Cordeiro²

¹Estudante de Agronomia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia; ²Pesquisador da Embrapa Mandioca e Fruticultura. E-mails: mariaalmeida002@hotmail.com, zilton.cordeiro@embrapa.br

Introdução – a bananeira é afetada por diversos problemas fitossanitários, cujas maiores preocupações recaem sobre manchas foliares como as sigatokas amarela e negra e murchas vasculares como o mal-do-Panamá. Todavia, o mercado consumidor é cada vez mais exigente em relação à aparência dos frutos, que podem ser afetados por diversas lesões, causando a rejeição completa de cargas ou o rebaixamento do preço pago. Diante disso, o produtor é, às vezes, obrigado a lançar mão de fungicidas para tentar impedir o aparecimento de manchas e a garantia de frutos de boa aparência. Dentre as diferentes lesões em frutos a mancha causada por *Cloridium musae*, tem ocorrido com frequência levando os frutos a apresentar o aspecto ferruginoso. Nada se conhece em relação ao comportamento dos diferentes genótipos quanto à resistência ao fungo, embora esta seja uma das formas mais importantes para o controle de doenças. **Objetivo** – avaliar frutos de diferentes genótipos triplóides e tetraplóides de bananeira quanto à ocorrência da mancha de *Cloridium*. **Material e métodos** – de um total de 33 genótipos, avaliaram-se quatro frutos centrais da segunda, terceira e quarta pencas, num total de 12 frutos por cacho, logo após a colheita, mediante aplicação de uma escala de notas, assim definida: 1- ausência de sintomas; 2- sintoma em até 5% do fruto; 3- sintoma em 5% a 10% do fruto; 4- sintoma em 10% a 25% do fruto; 5- sintoma em 25% a 50% do fruto; 6- mais de 50% do fruto com sintoma. Para maior segurança na avaliação, um mesmo genótipo foi avaliado diversas vezes e em diferentes períodos do ano. De posse dos resultados, foi realizada a análise de variância com posterior aplicação do teste de Scott-Knott a 5% de probabilidade. **Resultados** – a análise dos dados evidenciou a formação de quatro grupos entre os 33 genótipos avaliados, que foram classificados como: não ocorrência da mancha, formado por 10 genótipos sendo seis triplóides AAA (Canela, Piruá, Caipira, Zelig, Grande Naine e Valery) e quatro tetraploides AAAA (Ambrosia, Calipso, Bucaneiro e Fhia 17); de baixa ocorrência ou resistentes à mancha, formado por nove genótipos sendo um triplóides AAB (Thap Maeo) e oito tetraplóides AAAB (Fhia 2, Fhia 18, Caprichosa, Platina, TM 2803, Maravilha, PA4219 e Vitória); de média ocorrência ou medianamente suscetíveis, formado por oito genótipos sendo um triplóides AAB (Yamgambi n°2) e sete tetraplóides AAAB (Pioneira, PA4228, Princesa, Preciosa, PA9401, PV9401 e YB4217) e alta ocorrência de mancha ou suscetíveis, formado por seis genótipos sendo dois triplóides AAB (Prata Anã e Prata Comum) e quatro tetraplóides AAAB (YB4203, YB4247, Tropical e Pacovan Ken). De acordo com os resultados o genoma A, em homozigose, confere resistência completa à mancha. A Prata Anã e Prata Comum (AAB) foram os genótipos mais suscetíveis. **Conclusões** – há variabilidade genética entre os genótipos avaliados; a herança da resistência está ligada ao genoma A de *Musa acuminata*.

Palavras-chave: controle genético; *Cloridium musae*; bananeira; doenças pós-colheita.